

# Revista de Comunicação Científica: RCC



# ARTIGO

## O PRIMO BASÍLIO E MEMÓRIA PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: RETRATOS DE SOCIEDADES FINISSEculares

Cousin Basílio and posthumous memoirs of Brás Cubas: portraits of end-of-century societies

El primo Basilio y las Memorias póstumas de Brás Cubas: retratos de sociedades de fin de siglo

Marcia Rodrigues Gonçalves  
Doutora em Letras (UFRGS), Mestre em Linguística (PUCRS), Técnica em Assuntos Educacionais (Faculdade de Educação – UFRGS).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8340-0971>  
E-mail: [marciarodrigues@ufrgs.br](mailto:marciarodrigues@ufrgs.br)

Como citar este artigo:

GONÇALVES, Marcia Rodrigues. O Primo Basílio e Memória Póstumas de Brás Cubas: retratos de sociedades finisseculares. In **Revista de Comunicação Científica – RCC**, maio/ago., v. I, n. 12, p. 203-220, 2023. ISSN 2525-670X.

Disponível em:  
<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 12 (2023)  
ISSN 2525-670X

## O PRIMO BASÍLIO E MEMÓRIA PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS: RETRATOS DE SOCIEDADES FINISSEculares

Cousin Basílio and posthumous memoirs of Brás Cubas: portraits of end-of-century societies

El primo Basilio y las Memorias póstumas de Brás Cubas: retratos de sociedades de fin de siglo

### Resumo

O presente trabalho tem por finalidade mostrar como Eça de Queirós, em *O primo Basílio*, e Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, representaram a classe dominante – burguesia – nesses romances. Ao serem analisadas as obras, percebeu-se que, tanto em Portugal como no Brasil, salvaguardando as diferenças entre MetrÓpole e Colônia, o comportamento dos personagens analisados – Basílio, Conselheiro Acácio, Brás Cubas e Cotrim – assemelhavam-se. Para tanto, foi elaborada uma análise do contexto histórico que perpassou as obras citadas, traçando um panorama do comportamento finisseular das elites brasileira e portuguesa por intermédio da literatura. Sendo Eça e Machado contemporâneos e simpatizantes das ideias que balizaram o Realismo, houve pontos de contato na forma como ambos os autores construíram seus personagens mesmo em sociedades diferenciadas.

**Palavras-chave:** Eça de Queirós. Machado de Assis. Realismo. Burguesia. Sociedade.

### Abstract:

This study aims to show how Eça de Queiros, in his book *Cousin Basilio*, and Machado de Assis, in *Posthumous Memoirs of Bras Cubas*, represented the ruling class, the bourgeoisie, in these novels. In analyzing the works, it was noticed that in spite of the differences between the metropolis and the colony, the behavior of the characters analyzed – Basil, Councillor Acacio, Bras Cubas and Cotrim –, were similar in both Portugal and Brazil. Therefore, it was made an analysis of the historical context spreaded throughout the cited works, by drawing a picture of the finisseular behavior of the through elites Brazilian and Portuguese literature. Being Eça and Machado contemporaries (and supporters of the ideas that guided realism), there were strong similarities in the way both authors have built their characters, even in different societies.

**Keywords:** Eça de Queiros. Machado de Assis. Realism. Bourgeoisie. Society.

### Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo mostrar cómo Eça de Queirós, en *O primo Basílio*, y Machado de Assis, en *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, representaron a la clase dominante –burguesía– en estas novelas. Al analizar las obras, se percibió que, tanto en Portugal como en Brasil, salvaguardando las diferencias entre MetrÓpolis y Colonia, el comportamiento de los personajes analizados –Basílio, Conselheiro Acácio, Brás Cubas y Cotrim– fue similar. Para ello, se elaboró un análisis del contexto histórico que permeó las obras citadas, trazando un panorama del comportamiento de fin de siglo de las élites brasileña y portuguesa a través de la literatura. Siendo Eça y Machado contemporâneos y simpatizantes de las ideas que guiaron el Realismo, hubo puntos de contacto en la forma en que ambos autores construyeron sus personajes incluso en sociedades diferentes.

**Palabras clave:** Relaciones Étnico-Raciales. Identidad Negra. Educación

## Portugal convulsionado

Portugal sofreu vários revezes em pequeno período de tempo. Com a invasão napoleônica e a consequente vinda da Corte para o Brasil (1808), o povo português ficou à deriva, mas foi socorrido pelos ingleses. Tal benesse traria um custo elevado às finanças lusas e à forma como Portugal deveria articular-se perante o mundo. A Inglaterra, tendo seu comércio internacional bloqueado por Napoleão, já vislumbrava uma saída estratégica: grassar seus produtos para o Brasil e, com esse objetivo já premeditado, endossou e apoiou D. João VI em sua fuga (LOPEZ, 1987, p. 17). Portugal, entretanto, tentou uma reação, originada pelas sucessivas perdas, conforme relata Lopez (1987, p. 29):

A burguesia comercial lusitana, que já fora obrigada a encarar a perda do monopólio no Brasil (abertura dos portos, em 1808), principalmente para os britânicos, não se sentiu disposta a aceitar a nova afronta: seu rei ditando as ordens a partir da colônia ultramarina, transmitidas por intermediários estrangeiros (ingleses) que administravam o país. Soma-se a isso, a humilhação e a devastação praticada no país pelos longos anos de rapina das tropas napoleônicas. [...] Diante desse contexto, rebentou a Revolução do Porto, em 1820 – simultaneamente o desagravo da nacionalidade ofendida e um movimento constitucionalista, algo em estilo da fase inicial da Revolução Francesa.

D. João VI enfrentou problemas duplicados: os de Portugal, com a Revolução do Porto, obrigando-o a voltar e os do Brasil, pois seu retorno à Península Ibérica obrigou-o a deixar seu filho, Pedro I, no comando da Colônia. A elite agrária brasileira, embora incipiente, não concordava com o monopólio de produtos industrializados ingleses, comercializados pelos portugueses. D. Pedro I, contrariando as recomendações de Portugal, posicionou-se a favor da elite brasileira, declarando a Independência. Essa nova configuração, em momento tão frágil, acirrava ainda mais o estado convulsionado em que Portugal se encontrava.

Esses infortúnios, entretanto, não foram obra do acaso; foram consequências inevitáveis do comportamento de um país que se mantinha apegado às glórias do passado, sonhando, ainda, com o retorno de D. Sebastião. Embebido nesse contexto de saudosismo, Portugal não se preocupou com seu desenvolvimento interno, vivendo tão-somente dos lucros que provinham de suas colônias. Os lusos não possuíam uma burguesia empreendedora e capitalista, tampouco elite intelectual significativa, pois,

mais do que nunca, foram somente consumidores. Segundo Luiz Roberto Lopez, (1987, p. 8): “À medida que se debilitava o prestígio português na Europa, mais o país precisava se apoiar no Brasil para salvar seus restos de grandeza.” Com a decisão de D. Pedro I, entretanto, mais uma fonte de lucros se esgotava.

Completando o quadro sombrio que pairava sobre os portugueses, a Inglaterra ditava as regras dentro de Portugal e, simultaneamente, expandia seu poderio naval, industrial e monetário pelas rotas e lugares antes dominados pelos portugueses. Infiltrava-se, igualmente, com bastante sucesso, nas decisões do novo Império brasileiro. Uma aura de nostalgia e depressão contaminava Portugal e essa atmosfera lúgubre vinha ao encontro das ideias românticas, cujos autores portugueses souberam tão bem trabalhar.

Não só a Inglaterra, mas também a França, evoluíam rapidamente no decorrer da segunda metade do século XIX, crescendo em número populacional; as cidades se urbanizavam; avançavam as descobertas científicas que derrubavam dogmas sob a ótica do positivismo. A burguesia, já fortalecida e consolidada, pela vitória quando da Revolução Francesa, oprimia os menos favorecidos. Essas mudanças foram percebidas pelos pensadores, pelos intelectuais, pelos escritores. A literatura sentiu necessidade de representar o grupo social e não apenas os sentimentos individuais; revelar as mazelas ocultas, desmascarar os atores, tão perfeitos socialmente, mas cruéis em seus redutos. O momento socioeconômico português, sobretudo, exigia uma releitura da sociedade e uma reavaliação de seus valores ultrapassados, coloridos artificialmente pelo Romantismo.

Na França, ícones como Balzac e Flaubert foram arautos dessa nova forma de representar a sociedade. Insatisfeitos com o modelo literário reinante, vários escritores do mundo ocidental acolheram suas ideias e, em seus países, deram origem ao movimento *realista*. Eça de Queirós em Portugal e Machado de Assis no Brasil foram os grandes representantes desse novo ideário.

### **Eça de Queirós e suas *Cenas da vida portuguesa***

Eça de Queirós fez parte de uma geração de jovens intelectuais, centralizada em Coimbra, que reagiu contra o atraso do país, fruto de um governo desestruturado

e despreparado que alimentava sonhos reacionários. O Romantismo foi visto como um sinônimo desse anacronismo. As ideias realistas e naturalistas, embasadas em métodos científicos, dariam ares de progresso à sociedade. A palavra, delineada em forma de narrativa, seria a arma que se infiltraria nas famílias, nos círculos intelectuais, com a pretensão de modificar o quadro estagnado que se mostrava até então. Tais assertivas são endossadas por Massaud Moisés, em sua obra *A literatura portuguesa*, (1966, p. 282):

Aderindo às teorias do Realismo iconoclasta a partir de 1871, Eça coloca-se sob a bandeira da República e da Revolução, e passa a escrever, em coerência com as ideias aceitas, obras de combate às instituições vigentes (Monarquia, Igreja, Burguesia) e de ação e reforma social.

Por ser um diplomata, Eça ausentou-se de Portugal, vivendo muitos anos na França e na Inglaterra. O distanciamento da pátria, além de lhe permitir julgá-la desapaixonadamente, com rigor, possibilitou-lhe também o contato com as grandes ideias de seu tempo (CEREJA; MAGALHÃES, 1991, p. 82). A fim de reformular Portugal, pela pena e não pela espada, Eça de Queirós traçou um projeto ambicioso, tentando atacar, em uma trilogia – *Cenas da vida portuguesa* – o clero, a família lisboeta e a burguesia em *O crime do padre Amaro*, *O primo Basílio* e em *Os Maias*, respectivamente, ou seja, as bases da sociedade, enquanto formadores de opinião e agentes de poder.

Sendo constantemente confrontado com o atraso de Portugal, quando o comparava com os países em que viveu, Eça tornou-se um crítico da postura da população portuguesa. Seus personagens endossaram essas ideias, como em *O primo Basílio*, na fala de Basílio: “Oh! Mas em Paris! ... Tudo é superior! Por exemplo, desde que chegara ainda não pudera comer. Positivamente não podia comer! – Só em Paris se come – resumiu.” (1992, p. 49). Ideia semelhante é percebida na fala de Visconde de Reinaldo (amigo de Basílio, que há anos vivia em Londres, e muito em Paris): “Mas o calor desconsolava Reinaldo; achava a temperatura de Lisboa *reles*; trazia lunetas defumadas; e andava saturado de perfumes, por causa ‘do cheiro ignóbil de Portugal.’” (1992, p. 101). Esses juízos de valor aparecem, também, em outra obra que faz parte das *Cenas ...*, *Os Maias*, 1878, nas reflexões que faz Afonso da Maia, quando retorna a Portugal (1980, p. 17):

Mas não esquecia a Inglaterra: – e tornava-lha mais apetecida em Lisboa miguelista que ele via, desordenada como uma Túnis barbaresca; essa rude conjuração apostólica de frades e boleeiros, atroando tavernas e capelas; essa plebe beata, suja e feroz, rolando do lausperene para o curro, e ansiando tumultuosamente pelo príncipe que lhe encarnava tão bem os vícios e as paixões ...

Em carta a Teófilo Braga, Eça assumiu que, em *O primo ...* atacaria “a família lisboeta, produto do namoro, reunião desagradável de egoísmos que se contradizem [...], um pequeno quadro doméstico, extremamente familiar a quem conhece bem a burguesia de Lisboa.” Completando essa ideia, Massaud de Moisés (1966, p. 283) acrescenta que, em *O Primo ...*, “Eça desloca-se para a cidade, a sondar as moléstias degenerescentes no centro nevrálgico da Nação, a Capital: o ficcionista penetra agora no recesso dum lar burguês pretensamente sólido e feliz, e nele descobre a existência de igual podridão moral e física”. Dentro do elenco de personagens que compõe o romance *O primo Basílio*, ilustram esta análise o próprio primo e o conselheiro Acácio, ambos representantes da elite portuguesa, cada um a seu modo.

Basílio é o retrato do conquistador, do *bon vivant* ou, como denomina Massaud Moisés (1966, p. 283): “*Don Juan* hipócrita”, que enriqueceu com a especulação da borracha no Brasil, por meios duvidosos, e que vivia de aplicações. Representa o burguês que não trabalha, mas que se sustenta muito bem, aproveitando os prazeres da vida. É um homem refinado, exigente, que usa as mulheres e seus sentimentos para deleite próprio, sem compromisso algum.

Pela fala dele, Eça de Queirós várias vezes alfinetou o atraso de Lisboa, os aspectos decadentes da capital, seus habitantes provincianos e costumes obsoletos quando Basílio compara Lisboa com Paris, constantemente. Esse julgamento, feito por um personagem tipicamente burguês, não deixa de ser irônico, pois justamente quem poderia alterar o quadro vigente não o faz, somente critica e, sempre que possível, foge de seu país e de suas origens, deixando o papel reformador para os que ficam.

O comportamento de Basílio poderia exprimir a própria postura de Eça de Queirós no final de sua vida, já rico, famoso e aburguesado. Tanto quanto Eça, Basílio foi um arauto das novidades estrangeiras, tanto que comenta com Luísa que passara a manhã lendo o livro *A mulher de fogo*, de Adolphe Belot. Quando pergunta se a prima já tinha lido a obra e ouve uma negativa, Basílio responde: “– É um romance,

uma novidade. [...] – Talvez um pouco picante; não to aconselho!”<sup>1</sup> (QUEIRÓS, 1992, p. 66). Reprovando o comportamento cultural da mulher burguesa de Portugal, Eça mostra, nas intervenções de Basílio, o atraso e o desconhecimento do público leitor feminino; no caso, por intermédio de Luísa e Dona Felicidade (que lê *O Rocambole*).

Acácio é o intelectual, amigo de várias pessoas influentes, que percorre os altos círculos da sociedade. É um eloquente orador que convence e deslumbra seus interlocutores com discursos retóricos e empolados. Para ele, a posteridade reservou o adjetivo *acaciano* cujo significado tem ares de ironia: “que é ridículo pelas palavras convencionais e ocas de sentido ou pela aparatosa gravidade de maneiras ou pelo caráter sentencioso” (HOLANDA, 1999, p. 20). Acácio é um moralista, mas vive em concubinato com sua empregada – fato descoberto somente no final do romance.

João Gaspar Simões (1973, p. 403), em *A vida e obra de Eça de Queirós*, afirma que houve já quem aproximasse o conselheiro Acácio de Pickwick, de Dickens. O crítico, entretanto, esclarece que Eça de Queirós não necessitou recorrer à inspiração alheia para conceber figuração tão tipicamente nacional, tampouco seria difícil documentar a sua origem. Acrescenta, ainda, que o conselheiro Acácio “é a figura mais representativamente condensada de quantas foi dado criar a Eça de Queirós graças à nação cujos defeitos lhe forneciam tantas pilhérias” (1973, p. 404).

Em mesma obra, João Gaspar Simões (1973, p. 405) afirma que os traços de Acácio são coletivos, pois não é realmente um homem: é uma classe; não é uma personagem, é um tipo. Beirando ao ridículo, Eça construiu o conselheiro como certa faceta da vida social, mostrando, ao mesmo tempo, caricatura e verdade: “A ‘verdade’ de uma classe de escasso conteúdo humano só pode viver caricaturada: a inchação das suas linhas é a garantia da sua sobrevivência no romance.” (1973, p. 405). O comportamento de sedutor pelas palavras demonstra Acácio como um farsante, mas sobrevive e é aplaudido pelo público hipócrita que nele acredita por ignorância ou por comodismo, para cumprir um cerimonial de gente letrada. Tendo influência nos meios em que frequentava, Acácio poderia ser o trampolim para a ascensão de muitos de seus iguais.

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma obra que revela uma postura nada convencional de mulher à época, irresistível ao olhar dos homens, já com um viés naturalista, tratando da incapacidade de resistência aos instintos sexuais do sexo oposto, tal qual animais no cio.

## Brasil deslumbrado

Se na Metrópole a situação estava convulsionada, no Brasil, havia um deslumbramento pela recente Independência. D. Pedro I, entretanto, não obteve tanto êxito quanto imaginava. A elite que o apoiara, quando do movimento separatista, já se incomodava com suas medidas absolutistas, sobretudo após a Carta Outorgada. D. Pedro I, dividido entre a crise sucessória portuguesa e o imbróglio brasileiro que se formava ao seu redor por suas atitudes, voltou a Portugal, onde morreu sem retornar ao Brasil.

Passado o intermediário período regencial, D. Pedro II assumiu o poder. Teve dificuldades em seu governo, pois ficou cerceado entre a coação inglesa – que queria espriar sua produção e necessitava de negros livres, assalariados – e o assédio dos aristocratas rurais – que o pressionaram até o final do II Império para que não se consumasse a abolição dos escravos. Por volta de 1850, entretanto, o apogeu do reinado coincidiu historicamente com a vigência do primeiro ciclo do café, das questões platinas, do parlamentarismo e da arte neoclássica e romântica.

Conforme Lopez (1987, p. 64), naquele momento, mascarado pelo êxito econômico brasileiro e pelas vitórias sobre as rebeliões regionais, “vigorava um romantismo de salão, importado, ao gosto de uma nobreza com títulos não-hereditários de origem européia.”. Alguns historiadores denominaram esse período como o Império das senzalas. Em *Cultura brasileira*, Luiz Roberto Lopez (1988, p. 14) acrescenta:

O RJ modernizava-se, perdendo, paulatinamente, os acanhamentos provincianos. A Corte se divertia: touradas, cavalcadas, torneios, rodeios, saraus musicais. No restrito círculo de uma aristocracia parasitária, desenvolvia-se uma brilhante cultura do ócio mundano.

Cabe lembrar que, diferentemente de outros países de nobreza mais antiga, como a Inglaterra, os títulos brasileiros não eram hereditários (e custavam dinheiro). Oficialmente, serviam para recompensar serviços prestados à pátria. Mas não era preciso ser um grande herói para receber a honraria. Em um único dia, 12 de outubro



de 1826, D. Pedro I criou 23 novos marqueses<sup>2</sup> (MANSUR, 2010, p. 24). Essa constatação ilustra o matiz das pessoas que circulavam pela Corte brasileira e quiçá serviu de mote para a origem do sobrenome e das “glórias” dos antepassados de um dos personagens mais famosos de Machado de Assis, Brás Cubas. Conforme relata Mansur, pela falsidade dessas titulações, com a proclamação da República, as posições de nobreza perderam a validade, mas remetem aos tempos em que o título era fundamental para a ascensão política e social. Sem sombra de dúvidas, o perspicaz Machado de Assis estava ciente de como eram fabricados os “nobres” da elite brasileira e, com sua contumaz ironia, trouxe essa situação para sua obra. Nos dois reinados que houve no Brasil, salientaram-se os valores europeus em detrimento aos nacionais. Lopez nos esclarece que (1987, p. 64):

D. Pedro II, sintomaticamente apelidado de “neto de Marco Aurélio”, por um expoente da cultura burguesa européia, Victor Hugo, dá mais a ideia de um monarca do Velho Mundo do que de um governante do Brasil. Nunca, como naqueles anos, o Brasil teve manifestações culturais tão pouco ligadas à terra, nem mesmo na fase colonial. Literatura (com evidentes ressalvas) e principalmente música, artes plásticas, sistema parlamentar e divisões partidárias, tudo vinha da França, Itália, Inglaterra.

### Machado de Assis, o grande delator da sociedade brasileira

José Maria Machado de Assis (1839-1908) nasceu na contramão dessa sociedade fabricada artificialmente. Mulato, gago, epilético, filho de um casal humilde, tinha tudo e todos contra si. Venceu graças a esforço e qualidades próprias, e sua sagacidade de analisar a sociedade em que vivia coroou-lhe uma posteridade não alcançada pelos autores que seguiram a moda vigente naqueles anos. Machado

---

<sup>2</sup> Quanto custavam os títulos de nobreza adquiridos pelos brasileiros: a) Barão – É o único título inspirado em um termo germânico *baro*, “homem livre”. Quem o recebia, como o Barão de Rio Branco, pagava 750 mil réis. Em 2010, seriam R\$ 50 mil reais; b) Visconde – Do latim, *vicecomite*, o substituto do conde. Custava 1 conto e 25 mil réis. Um dos mais famosos foi o escritor Alfredo Maria Taunay. Em 2010, seriam R\$ 100 mil reais; c) Conde – Vem de *comité*, “o que acompanha”, e denominava altos funcionários de Roma. Pelo título, o conde de Bonfim pagou 1 conto e 575 mil réis. Em 2010, seriam R\$ 130 mil reais; d) Marquês – Em Roma, *marchensis* era gestor da marca, província fronteira. Aqui, ser marquesa de Santos custava 2 contos e 20 mil réis. Em 2010, seriam R\$ 180 mil reais e e) Duque – Vem do latim *dux*, que significa guia ou general. Nome adequado ao duque de Caxias, patrono do Exército brasileiro. O preço: 2 contos e 450 mil réis. Em 2010, seriam R\$ 200 mil reais. No total, o Brasil teve 3 duques, 47 marqueses, 50 condes, 248 viscondes, 930 barões, ou seja, 1.278 títulos para 980 pessoas (MANSUR, 2010, p. 24-25)

morreu com 69 anos, os quais perpassaram as muitas modificações sociais e políticas ocorridas no Brasil. Vivenciou o surgimento e o declínio do Romantismo, o apogeu do Realismo, o falso esplendor e, por isso mesmo, o declínio do II Reinado, a tão esperada Abolição e a instauração da República.

Apesar de já ser escritor no período romântico brasileiro, Machado de Assis destacou-se, por identificação, com o período realista. Autodidata, estava ciente das modificações que ocorriam na Europa, pois percebera que o ideário romântico, nascido nas entranhas da Revolução Francesa, não se coadunava com a postura das elites brasileiras. Em *Helena*, em edição posterior, revisada, Machado de Assis justifica-se, em texto intitulado *Advertência*, por ter escrito o romance nos moldes românticos; pede desculpas ao leitor, alegando que, quando escrevera o livro, possuía “um eco de mocidade e fé ingênua”. Essas escusas podem ser interpretadas como ilusões juvenis que o autor nutria quando fez parte de um movimento dito nacionalista, acreditando que o Romantismo alimentaria a coesão nacional. Para essas elucubrações, Lopez (1987, p. 65) enfatiza que:

Na Europa, o escapismo romântico representou uma fuga ao utilitarismo da nova sociedade burguesa. No Brasil, o escapismo serviu à causa da alienação, o que interessou a uma classe dominante desejosa de manter privilégios coloniais por um momento ameaçados por avanços populares.

Machado viveu no Rio de Janeiro, na Corte, mas seus personagens, fluminenses, podem representar o povo de qualquer região conforme esclarece Astrogildo Pereira, em *Machado de Assis: ensaios e apontamentos avulsos* (1991, p. 14): “O seu regionalismo carioca não o limita, pelo contrário; porque a capital do país sempre foi o ponto de convergência, a sùmula, o índice de todo o país”. De posse da convivência com esse elenco de pessoas afetadas, escreveu obras memoráveis que as descrevem. Em especial em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, encontram-se o burguês Brás Cubas e seu cunhado Cotrim, negociante; dois espécimes do que havia em profusão no meio em que Machado vivia. Astrogildo Pereira, na mesma obra (1991, p. 16), nos diz que:

A obra de Machado de Assis nada possui de panorâmico, de cíclico, de épico. Não há nela nenhuma exterioridade de natureza documentária. [...] seus contos e romances não abrigam heróis extraordinários, nem fixam ações grandiosas e excepcionais. Eles são constituídos com o material humano

mais comum e ordinário, com miudezas e o terra a terra da vida vulgar de todos os dias.

Roberto Schwarz, em *Machado de Assis: um mestre na periferia do capitalismo*, (1990, p. 68), afirma que é clara a intenção de Machado em sintetizar um tipo representativo da classe dominante brasileira por intermédio das relações que lhe são peculiares. Tal assertiva se confirma quando se percebe a presença de uma diversificada galeria de figuras sociais, necessárias para que Brás tenha realidade. Raymundo Faoro, em *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio* (1988, p. 19), ratifica o que diz Schwarz:

Ela (burguesia) circulará, nas suas páginas de ficção, sem consciência de missão revolucionária, inovadora e transformadora, mesclada, ora em tom leve, ora em cores pesadas, com a tinta do desdém e do ridículo. A galeria burguesa de Machado de Assis brota do chão, expande-se e se enriquece, mas não domina nem governa.

A classe dominante da época, grandes produtores rurais, era constituída por pessoas que pretendiam ter os títulos e os requintes dos modelos europeus, mas sem a ideologia e os motivos que os moviam. Schwarz (1990, p. 41) explica que as elites brasileiras eram ambíguas, pois queriam fazer parte do Ocidente progressista e culto, entretanto, não se comportavam como tal, pois permaneciam com suas senzalas lotadas de escravos, prática que já tinha sido abolida pelos seus paradigmas. Acrescenta, ainda (1990, p. 41):

Haveria problema em figurar simultaneamente como escravista e individuo esclarecido? Para quem cuidasse de coerência moral, a contradição seria embaraçosa. Contudo, uma vez que a realidade não obrigava optar, por que abrir mão de vantagens evidentes?

O pessimismo de Machado, presente em seus últimos textos, pode ser analisado por o autor não mais acreditar na premente reversão de valores da sociedade. Bosi (1974, p. 196) afirma que “O Machado que se indignara, quando jovem cronista liberal, ante os males de uma política obsoleta, foi mudando nos anos de maturidade o sentido do combate, e acabou abraçando como fado eterno dos seres o convívio entre egoísmos”. Completando essa ideia, Lopez (1988, p. 50) afirma que “A ‘arte pela arte’, que tão bem se exprimiria no parnasianismo e simbolismo, veio a

ser um refúgio e o reconhecimento da impotência” para alterar o mundo burguês. Vindo ao encontro das constatações de Bosi, escreve, ainda, Lopez (1987, p. 67):

Detrás das aparências liberais do regime, o que na verdade existia era uma sociedade repressiva e altamente conservadora e preconceituosa, componentes que exerciam inegável papel censório. Um imperador patriarcal e bonachão mal disfarçava as realidades de um Estado oligárquico, não-democrático e autoritário.

Em *Memórias...*, Machado dedica seu livro aos vermes e fica feliz por não ter tido filhos. A sociedade em que vivia não teria alguém digno de merecer a dedicatória? Era tão malsã que seria insalubre aos filhos? Cabe lembrar que o Bruxo do Cosme Velho não deixou descendentes. Poderia Machado estar, autobiograficamente, prevendo o futuro de seus filhos? Sim, pois trariam ainda traços da raça negra e, como tais, sofreriam preconceito; ao mesmo tempo, viveriam em um meio eivado de “vermes” e de “parasitas”, tal qual o autor o definiu. Lopez (1988, p. 52) afirma que:

[...] é preciso questionar o quanto o ceticismo machadiano exprime uma impotência pequeno-burguesa perante a engrenagem que esmaga o indivíduo e sua condição humana. Não tendo condições de atuar historicamente enquanto agente de transformação, resta ao personagem machadiano de se consolar não ter tido filhos.

### Brás Cubas e Cotrim: verossímeis?

O relato *pós mortem* de Brás Cubas é uma situação ímpar na literatura brasileira. O defunto-autor tenta explicar essa situação, alegando que poderia, a partir da nova condição em que se encontrava, analisar com mais distanciamento (e conseqüente lucidez) suas ações pregressas. Suas explicações, entretanto, não convencem, pois, como afirma Schwarz (1990, p. 19), “menos que afirmar outro mundo, Brás quer destratar o nosso, pois se trata de um narrador voluntariamente importuno e sem credibilidade”. No decorrer da narrativa, Brás ainda não entendeu certas atitudes que tomou, permanece justificando seus atos e conta com ares de grandiosidade suas condutas mais vis. Schwarz acrescenta que em *Memórias ...* “[...] o elenco das finalidades-mestras da vida burguesa toma feição barateada, com

alguma coisa de opereta; e para Brás [...] no lugar do estudo, temos alguns anos de folia em Portugal” (1990, p. 61).

Avançando ainda mais na análise de Brás, encontra-se a tese de Astrogildo Pereira (1991, p.159) que defende ser talvez o defunto (Brás) um símbolo do idealismo romântico morto e enterrado dentro de Machado de Assis. Entende que a narrativa de Brás é materialista, ilustrando as ideias machadianas que dormiam no fundo da sua consciência, expandindo a plena expansão do gênio criador, que assumiu com mão firme o comando da luta nova. Sob a ótica de Astrogildo Pereira, pode-se inferir que Brás, sendo um representante da burguesia, vinha ao encontro do período romântico brasileiro – descaracterizado de suas origens – por isso morto e enterrado. A conduta de Brás encaixava-se no perfil de sociedade instaurada no Brasil do século XIX, cuja vida era fútil e de aparências e que não tomava consciência-de-si como agente capaz de alterar as desigualdades tão propaladas pela Revolução Francesa.

O leitor descobre o perfil de Cotrim, cunhado de Brás Cubas, por intermédio do capítulo denominado *O verdadeiro Cotrim*. Quando se lê o título, imagina-se que Brás revelará condutas escabrosas acerca da vida do familiar já que pode falar sem constrangimentos, afinal está morto; entretanto, são feitos rasgados elogios ao comportamento do cunhado, um exemplar chefe de família, homem de bem. Não se pode esquecer, todavia, de que *Memórias ...* é uma narrativa em 1ª pessoa, pelas palavras de um narrador nada confiável, como já afirmara Schwarz. Machado de Assis mostra a que veio e ratifica sua característica mais marcante: a ironia. De fato, é revelado o retrato do “verdadeiro Cotrim”, pois, conforme explica Schwarz (1990, p.109), Brás Cubas “trabalha com elogios que incriminam e justificações que condenam. A perfídia do retrato, verdadeira maravilha, explora os vexames próprios ao caso brasileiro”. Cabe trazer mais da análise que Roberto Schwarz faz desse capítulo (1990, p. 113):

O mecanismo satírico da passagem está nas desculpas que inculpam, nas atenuantes que agravam, ou, mais genericamente, na função acusatória da defesa, conduzida com distanciamento de si mesma e em convivência com o leitor esclarecido. Uma defesa que, na verdade, é uma denúncia do acusado, e também do defensor.

Machado de Assis não expôs claramente, como o fez Eça de Queirós, sua intenção de retratar a sociedade atrasada e hipócrita em que vivia, mas Brás Cubas e

Cotrim são o exemplo dos “membros respeitáveis, nada risíveis, da classe dominante nacional” (SCHAWARZ, 1990, p. 113). A despeito da escravidão, conforme sublinha Astrogildo Pereira (1991, p. 22), “em Machado não encontramos nenhum acento panfletário que o possa colocar entre os combatentes da longa batalha abolicionista”. De qualquer sorte, uma descrição como a que foi feita sobre a conduta de Cotrim já se constitui um libelo acerca do tema. Em capítulo detalhado sobre o personagem Cotrim, Schwarz (1990, p. 116) acrescenta:

A invocação dos sentimentos religiosos e paternos do comerciante só faz tornar mais desavergonhado o quadro. [...] ternura familiar e sentimentos pios são vistos debochadamente, como elementos funcionais, compatíveis com a mais completa desumanidade. [...] A contiguidade do escravismo naturalmente lhes anula o crédito, causando conhecida impressão de farsa, característica do Liberalismo do Segundo Reinado.

### Machado de Assis e Eça de Queirós: semelhanças e diferenças

Machado e Eça, ao atacarem o casamento, a família – não as instituições, mas a forma como se comportavam –, arremetiam contra o microcosmo da sociedade. Se as famílias estavam degeneradas, esses filhos, oriundos dessa falta de limites (Brás) ou frouxos de caráter (Luísa), cresceriam como cidadãos indolentes, acomodados, conformados e satisfeitos com a sociedade injusta em que se inseriam.

Machado de Assis não se considerava um realista e, conforme Astrogildo Pereira (1991, p. 158), alforriou-se do Romantismo, evidenciando “uma efetiva superação de quaisquer preocupações de ‘escolas’”. O fato de um defunto narrar suas memórias é um elemento sobrenatural, fantástico, situação avessa às ideias científicas que pontuaram a escola realista. Essa assertiva se confirma quando o próprio autor escreve em *Crítica literária*, 1879, que “a realidade é boa, o realismo é que não presta para nada”. Astrogildo Pereira reafirma que (1991, p. 61):

o realismo de “certa escola francesa” não havia contaminado nossa literatura. Anos mais tarde, Machado haveria de examinar e castigar *O Primo ...* Atestava por fim o fato – sem elogio nem censura – da isenção de tendências políticas e sociais, mantendo-se os nossos romancistas desinteressados dos problemas do dia e das crises sociais e filosóficas.

De qualquer forma, Machado e Eça, cada um a seu modo, analisaram a sociedade. Machado deteve-se no plano psicológico, no indivíduo membro de um grupo, uma classe, uma coletividade que se comporta na ficção como encarnação típica dessa coletividade a que pertence (PEREIRA, 1991, p. 93). *Memórias ...* é a história de uma pessoa, representante de uma sociedade.

Em contrapartida, Eça foi mais analista social do que analista psicológico, porque tirava partido da descrição e dos modos de ser de seus personagens. Criou, desse modo, uma imensa galeria de tipos sociais. Tendia, às vezes, para o exagero, para a deformação que provoca riso. (CEREJA; MAGALHÃES, 1991, p. 83). A visão caricatural, o humorismo deformante, a dedução pelo absurdo, o culto do pitoresco, o gosto de imprimir ao traço vulgar relevo invulgar, características da pena de Eça no *Primo ...* eram qualidades que o escritor já revelara nos seus artigos das *Farpas*. (SIMÕES, 1973, P. 404).

Ambos os autores souberam se valer das deformidades tanto do indivíduo quanto da sociedade como forma de destilar suas críticas ao contexto socioeconômico em que viviam, utilizando-se para isso o deboche. Astrogildo Pereira confirma que, igualmente em Machado de Assis, (1991, p. 92): “O humorismo é sempre uma forma de crítica, um instrumento de castigo pelo riso, uma arma sutil de combate, mas arma de combate. É acima de tudo, um método de crítica social.”

Se Machado de Assis tornava-se um escritor mais taciturno e desencantado em relação ao ser humano nos livros que publicou na sequência de *Memórias ...*, *Quincas Borba* (1892) e *Dom Casmurro* (1900) – trazendo temas como a loucura, a exploração da ingenuidade alheia, a solidão, o ciúme doentio, a dúvida –, diversa se mostrou a postura de Eça de Queirós, após ter concluído suas *Cenas ...*. Massaud Moisés (1966, p. 284) aponta que Eça, ao alcançar a maturidade, nas obras que se seguiram, *A Ilustre casa de Ramires* (1897), *A correspondência de Fradique Mendes* (1900), *A cidade e as serras* (1901), e até biografias de santos, revelou um sentido produtivo,

fruto da dolorosa consciência de ter investido inutilmente contra o burguês e a família. Ao derrotismo e o pessimismo analítico da etapa anterior, sucede um momento de otimismo, de esperança e fé transubstanciado em idealismo não mais científico.

Eça de Queirós e seus amigos (Antero de Quental, Ramalho Urtigão e Guerra Junqueiro), a partir de 1865, ditaram as regras de comportamento dos literatos em Portugal, abolindo os ideais românticos. Na década de 1880, entretanto, limitavam-se a alegres jantares e consideravam-se “vencidos”. Foi-lhes dada, segundo Benjamim Abdala Jr. (1980, p. 7), a alcunha de *Vencidos na vida*. Segundo esse autor, “o vencidismo era uma posição mais intelectual, como o próprio Eça afirmou várias vezes, mas segundo o parecer de outros, estavam mesmo era em crise de desalento”.

Machado de Assis ficou viúvo e essa situação o abateu severamente. Não deixou de escrever, mas a viuvez, a velhice e sua doença serenaram um pouco seus questionamentos perante a vida e os seres humanos. Em 1907, começou o romance *Memorial de Aires*, sua obra derradeira, cujo protagonista é chamado por vários autores de seu *alter ego*. Lucia Miguel Pereira, em *Machado de Assis*, (1988 p. 247) diz que “o fermento de sua inquietação neutralizou-se, senão no seu espírito, ao menos nos seus escritos, pela ação calmante do velho Aires”, afinal (1988, p. 248): “ele envelhecia, derreava os ombros, fatigado das perguntas sem respostas, desgostoso do raciocínio implacável.” Ainda segundo a autora, no final da vida, percebendo a aproximação da morte, Machado reconciliou-se com a vida, quando ela lhe revelou um dos seus mistérios, a ternura.

### Considerações finais

Machado criticou Eça, em seu artigo *Eça de Queirós: o primo Basílio*, 1878, pelos arroubos do colega lusitano em virtude do estilo da escola a que pertencia. Desconstruiu personagens, técnicas de composição da obra literária, encontrou diversas falhas, acusou Eça de ter cometido plágio, mas não negou o talento de seu par. Hoje, passada a querela inicial, pode-se afirmar que *Memórias ...*, texto que seria uma resposta ao Sr. Eça, traz pontos de contato com o romance que trata da relação extraconjugal de Basílio e Luísa, ao começar pelo tema recorrente: os amores proibidos de Brás e Virgília.

Basílio, Brás, Cotrim e Conselheiro Acácio são personagens de obras diferentes, criados por dois autores que por vezes divergiram e foram protagonistas



de um mal-estar conceitual. Ao analisar essas quatro personalidades, poder-se-ia encontrá-las dispostas tanto em *Memórias ...* quanto em *O primo...*. Basílio é mais maldoso que Brás? Não necessariamente, mas ambos foram desarticuladores de casamentos; Brás lembra um romântico em sua relação com Virgília; Basílio é realista ao tratar Luísa, assim como Brás o é quando se trata de Flor da Moita, sendo sarcástico, inclusive. Na mesma proporção, as mulheres exercem papéis semelhantes: Luísa é romântica, sonhadora, e Virgília extremamente racional e objetiva. Cada par, nas duas obras, foi composto por um elemento realista e um romântico.

Acácio e Cotrim são opostos? A resposta varia de acordo com o ponto de vista da análise. Cotrim traz consigo toda a carga de maldade travestida com a roupagem do excelente pai de família. Acácio não teve retratadas suas ações mais abjetas, mas pode ser responsabilizado por todo o mal que permitiu acontecer pela omissão de atitudes beneficentes que deixou de empreender. Neles encontramos a aparência em detrimento ao caráter, a fortuna material, a eloquência, a maldade, o egoísmo – mesmo dissimulados ou atenuados pelos narradores.

O Realismo não apresentou inovação ao revelar que o ser humano tem desvios de caráter, pois desde sempre as sociedades são corrompidas pelos que detêm o poder. Seu grande mérito foi desnudar o que até então era embelezado, com apenas referências veladas à conduta da burguesia. A novidade foi imiscuir-se, em diversos países, simultaneamente, na intimidade familiar, reservada e, até então, poupada das críticas mais mordazes; os bastidores dos círculos dos poderosos em todas as esferas sociais: os políticos corruptos, os banqueiros calculistas, os adúlteros, os senhores de terra, os algozes de escravos, as sacristias impregnadas de valores materiais. Mais de um século após a publicação dessas obras, lamentavelmente, percebe-se que permanecem atuais, pois a postura das pessoas se mantém, dando *ao vencedor as batatas*.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JR., Benjamim. Eça de Queirós. In: **Literatura comentada**. São Paulo: Abril, 1980.

ACACIANO. In: HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Aurélio**: dicionário da língua portuguesa, século XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 20.

ASSIS, Machado de. O primo Basílio. In: **Crítica literária**. (Obras completas de Machado de Assis, v. 29). São Paulo: Ed. Mérito, 1959, p. 154-179.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1974.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Anália Cochar. **Panorama da literatura portuguesa**. São Paulo: Atual, 1991.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis**: a pirâmide e o trapézio. 3. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil imperial**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

LOPEZ, Luiz Roberto. **Cultura brasileira**: de 1808 ao pré-modernismo. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1988.

MANSUR, André Luis. O que significavam os títulos de nobreza no Brasil? In **Revista Aventuras na História**, São Paulo, edição 79, p. 24-25, fev. 2010. Editora Abril.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1966.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PEREIRA, Astrogildo. **Machado de Assis**: ensaios e apontamentos avulsos. 2. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

QUEIRÓS, Eça. **Os Maias**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

QUEIRÓS, Eça. **O primo Basílio**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1992.

QUEIRÓS, Eça. Carta a Teófilo Braga. In: \_\_\_\_\_. **O primo Basílio**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1992.

SIMÕES, João Gaspar. **Vida e obra de Eça de Queirós**. Lisboa: Bertrand, 1973.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.

Recebido: 09/03/2023

Aprovado: 20/04/2023

Publicado: 01/05/2023